



CARTA PASTORAL
JORGE FERREIRA DA COSTA ORTIGA
ARCEBISPO PRIMAZ

SETEMBRO
MMXX



LIÇÃO
DA COVID-19

ESCUTAR
A TERRA,
OLHAR
O CÉU

CARTA PASTORAL - SETEMBRO MMXX

Escutar a terra, olhar o céu

Lição da Covid 19

A pandemia proporcionou-nos um pouco mais de tempo para nos encontrarmos com Deus, connosco e com os outros. Pessoalmente, fui percorrendo um trajeto de encontro com muitas pessoas. A todos procurava comunicar mensagens de serenidade e confiança e de cada um fui recebendo vida que se partilhava.

O Papa Francisco deixou o mote. “Estamos no mesmo barco”. Não deveria haver vidas solitárias e tudo deveria ser interpretado na lógica da solidariedade. Essas palavras silenciosas, que fui escutando, começaram a pedir-me que as tornasse dom para todos. Daí a razão desta publicação. Não uso nomes concretos mas agrupo-as em categorias. Mesmo assim, pretendo ultrapassar o anonimato. Vou formulando perguntas para que acreditemos que nas respostas algo de novo poderá estar a acontecer. A vida renova-se e a sociedade pode ser diferente. Escuto a terra para compreendermos o céu e o que significa sermos irmãos. Com isto, vamos aperceber-nos que os outros existem e que não podemos viver sem eles.

Das muitas conclusões que poderemos tirar há uma atitude que deve motivar comportamentos novos. Corremos o risco de os sentir estranhos ou de viver na indiferença. Precisamos do encontro e da proximidade para interpretarmos a vida de um modo novo e aberta a novos compromissos vitais.

As circunstâncias que estamos a viver desafiam-nos a escolher a via do acompanhamento como perspetiva fundamental da vida cristã e da ação pastoral. De facto, a disponibilidade para o acompanhamento é a atitude fundamental que, segundo o Papa

Francisco, torna as comunidades cristãs sinodais e samaritanas, ou seja, “igreja em saída”.

Não se trata certamente de uma novidade, mas de um desenvolvimento de instâncias que sempre estiveram presentes na vida da Igreja, apesar de nem sempre com aquela incidência que hoje somos chamados a sublinhar.

Basta uma simples constatação estatística do uso de termos como “acompanhamento, acompanhar, acompanhador” e de como estão presentes em alguns textos do magistério de São João Paulo II e nos do Papa Francisco para podermos tirar, logo à partida, interessantes conclusões: “acompanhamento/acompanhar” tem um papel secundário e marginal nos textos do magistério de São João Paulo II e central no do Papa Francisco que afirma:

“A Igreja deverá iniciar os seus membros – sacerdotes, religiosos e leigos – nesta ‘arte do acompanhamento’, para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro (cf. Ex. 3, 5). Devemos dar ao nosso caminhar o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã” (EG 169).

Esta será a opção fundamental a provocar conversão e mudança de hábitos. Mas, também de um modo muito interpelativo quero deixar palavras de consolação, alento e convite à ação. Nada pode deter a força de quem acredita. A terra grita persistentemente. Só ouvindo os seus clamores e comprometendo-nos com respostas, ousadas, conseguiremos intuir as maravilhas que o céu nos quer revelar.

Durante o texto vou formulando muitas interrogações. Com elas importa parar para ouvir o que a vida quer dizer. Trata-se de ouvir para além do que está escrito. Há sempre uma mensagem a intuir no íntimo para uma abertura ao transcendente que, como consequência, iluminará os passos a dar na terra, sempre com audácia e coragem.

Agradeço ao Departamento da Pastoral da Saúde a colaboração que me deu. Foram eles os responsáveis por esta partilha muito espontânea, a partir da vida e a olhar para a Vida.

1. AS PALAVRAS QUE TROCAMOS PELO CAMINHO!

1. *Caríssimos pais, que destes à luz nestes tempos de incerteza e de medo*
Tendes agora nas mãos, no pensamento e, sobretudo, no coração o vosso maior tesouro. Uma vida frágil de 50cm tudo mudou: rotinas e relações, a noite e o dia. O vosso bebé é agora o centro de todas as atenções. Quantas vezes já ficastes, sem saber muito bem porquê, a contemplá-lo? Sabeis que essa admiração e encanto são as atitudes mais básicas do ser cristão? Esse coração a bater fora de vós mesmos é a experiência mais clara de que fomos criados para nos cuidarmos, sobretudo um apelo para cuidarmos dos mais frágeis. Suponho que foram meses de esperanças e de inseguranças. Não só daquelas naturais aos futuros pais mas também daquelas que vos foram impostas por um vírus invisível. Passaram-vos pela cabeça tantos cenários sombrios: e se o vosso bebé nascia infetado? E se, e se...? Tantos “ses” que agora parecem ter passado. Permanecem ainda outras interrogações: é seguro sair de casa com o bebé? Quem pode pegar nele? Lavaram bem as mãos? “Não o beijem, por favor!”, dirão vocês. Quando poderá ser o seu Batismo? As videochamadas são, para já, as janelas da vossa casa por onde entram e saem afetos.

5

Senti a alegria festiva de terdes convosco uma nova vida. Vai crescer e, com toda a certeza, vos oferecerá muitas alegrias. Quando acolheste o dom da Vida, Deus quis estar convosco e convosco abrir os olhos para o futuro.

Eu, agora e depois, quero acompanhar-vos nas vossas inquietações. Acompanho-vos nas vossas inquietações.

2. *Caríssima família*

Descobriste beleza no permanecer juntos tantas horas diárias? Conseguiste tirar partido da proximidade física? Porventura, nem tudo foi beleza. Foi também cansaço, irritação, falta de paciência, sufoco, noites mal dormidas. Aparentemente, os miúdos não foram feitos para estarem fechados. Inventaste rotinas, jogos, distrações. Tentaste esconder o medo pelo futuro, o temor pelo salário magro, pelas contas que não pararam de chegar, pelas nuvens de pobreza a pairar no horizonte. Suportaste relações conflituosas, veio ao de cima aquele feitio insuportável, ou aquele vício destruidor? Foi preciso respirar fundo para decidir com quem ficavam os filhos, para lá das decisões de um tribunal? Aprendeste, talvez, a utilizar as redes sociais e até a estudar com os mais novos. Distanciaste-te, à força, dos mais velhos ou reorganizaste a casa para acolher alguns deles. Viste serem ultrapassados dias de aniversário sem aquele afeto físico habitual. Suponho que houve rituais que pela primeira vez foram quebrados. Que novos rituais foram aparecendo entre vós? Conseguiste rezar em família, talvez pela primeira vez? A rádio ou televisão ajudaram-vos a rezar? Hesitaste em abraçar ou em estender a mão? Tiveste medo de ser causa de doença para os teus? Deste-te conta que precisavas de cuidar afastando-te, telefonando, ficando à porta, cuidando à distância? Cuidaste demoradamente do jardim ou daquela planta no parapeito da janela? As refeições passaram a ser acontecimentos mais lentos? Na vossa família alguém faleceu? Houve alguém que saiu magoado deste confinamento? Houve relacionamentos que tocaram o limite? Sabeis ainda pedir perdão ou, se for o caso, ajuda para ultrapassardes uma dificuldade?

Serão muitos os momentos em que tereis de recomeçar, reencontrando os caminhos da alegria e felicidade. Deus quer estar convosco nesta aventura que terá muitos momentos.

Eu, agora e depois, quero acompanhar-te nas tuas inquietações.

3. *Caríssima criança*

Não estavas a perceber, de início, a cara do papá e da mamã. Alguns meninos e meninas até tiveram de mudar de casa ou de ficar umas semanas sem verem o pai ou a mãe. Não percebias porque não podias ir a casa dos avós, nem dos padrinhos, à tua escola, ou levar o cão a passear... Depois entendeste que há um ser pequeno, tão pequeno que nem se vê, que ameaça a nossa saúde. E tiveste de aprender o jogo da música do quadrado: “cada um no seu quadrado”. Já estás mais tranquilo! Consegues ver que o melhor para todos custa muito? Acreditas que a alegria pode nascer dos sacrifícios? Agora que já entendes o que se passou, pergunta ao papá e à mamã o que vem a seguir. Pergunta-lhes se sabem que o arco-íris que pintaste e que se espalhou por todo o mundo é um símbolo que, no primeiro livro da Bíblia, significa um acordo, uma aliança feita entre Deus e a humanidade. Fala muito com eles. Eles percebem melhor muitas coisas. Já são mais velhos, mas também foram crianças como tu. Não deixes de começar a falar com os teus colegas e procura fazer o que as educadoras ou professoras te dizem. Pode custar um pouco. Será sempre para teu bem. Deves começar a compreender que a vida nem sempre nos oferece o que queremos. Não vale ficar triste. Terás sempre muito amor, talvez de um modo diferente daquele que pretendias.

7

Deves saber que na Vida são muitos os momentos em que é preciso saber esperar para vir a ter o que melhor nos convém. Deus estará sempre contigo e, mais tarde, irás compreender o seu amor.

Eu, agora e depois, quero acompanhar-te nas tuas inquietações.

4. *Caríssimo(a) adolescente e jovem*

Desta radicalidade não estavas à espera. Aliás, ninguém estava! Alguma vez imaginaste ficar tanto tempo sem ir à escola, à catequese, ao teu desporto favorito? No início até parecia bom: era mais tempo

para estares em casa, no meio das tuas coisas. Depois começou a tornar-se cansativo, era sempre a mesma coisa. Aprendeste a fazer mais tarefas em casa? Por fim, descobriste o que é a telescola, a formação digital e tiveste mesmo de aumentar a tua autodisciplina para não ceder à preguiça. A realidade virtual não substituiu as pessoas, pois não? Deste-te conta da verdadeira importância dos amigos, do(a) namorado(a), dos catequistas, dos professores, da equipa, do ar livre? Sobretudo conseguiste perceber que a família e a vida são lugares muito importantes, que valem mais do que todas as coisas materiais? Na casa, com os teus, podes construir o teu futuro. Nada se perde quando aprofundamos os laços que nos unem e dão segurança. Temos muitos amigos e precisamos deles. Porém, os laços de sangue são sempre insubstituíveis e devem ser permanentemente valorizados.

8

Precisamos de descobrir a beleza da família. O seu valor é sempre incomparável e Deus quis estar nela e com ela interpretar a vida para ser experiência de felicidade.

Eu, agora e depois, quero acompanhar-te nas tuas inquietações.

5. Caríssimo(a) ancião(ã)

Precisamos tanto da sabedoria que pode surgir dos anos que já viveste! Estes novos tempos só em parte são novos para ti. Já ultrapassaste tantas batalhas pessoais e sociais! Sentiste que muitas vezes, não vale a pena enriquecer com a tua experiência? Pensaste que alguns te consideram descartável? Ficaste na tristeza por não verificar acolhimento ao que és e tens? Sabes o que é uma sobriedade feliz, que a fé tem sempre também a forma de cruz e que o amor é a única forma saudável de construção da paz. Conheces e interpretas como ninguém o ritmo da terra e das luas, da história e da comunidade humana. Ajuda-nos a construir, uma vez mais, uma grande família feliz. A vida proporcionou-te muitas experiências enriquecedoras.

Foste acumulando sabedoria e a tua idade é uma beleza maravilhosa quando acreditas que ainda podes dar e fazer muito. Não deixes de partilhar. Pode parecer que não te acolhem. Dialogar é semear. Podemos não ver os frutos. Aparecerão, talvez, quando já tiveres partido. Não és nem nunca serás para nós, comunidade cristã, um estorvo ou um peso a lamentar. Precisamos tanto de vós!

Olhar para o futuro não pode impedir-nos de verificar que temos memória e que ela é fundamental para uma sadia evolução social. Há riquezas e tesouros que não podem ser desconsiderados. Deus também está na história com tudo o que ela encerra e abre horizontes de grandes dimensões.

Eu, agora e depois, quero acompanhar-te nas tuas inquietações.

6. Caríssimo(a) consagrado(a)

Sentiste, porventura, o paradoxo do inutilitário (do gratuito, não do inútil!) do ministério que te foi confiado e da consagração a que te entregaste. Afinal, o tempo que estava sempre contado, agora parecia sobrar. Imaginaste novas formas de te fazeres próximo, de ser missionário por outros canais. Celebraste a Eucaristia num jardim das oliveiras ou diante de um ecrã de telemóvel. Aprendeste as potencialidades e os riscos das novas tecnologias? Não sabias, talvez, corresponder aos telefonemas que recebias, uns pedindo audácia, outros demasiada prudência. Tiveste alguém que cuidasse de ti, que escutasse as tuas preocupações e os teus medos? Às vezes também se esquecem que és uma pessoa de afetos? Houve dias em que não te apeteceu levantar pela manhã? Também a ti assaltaram medos absurdos? Gostaste de receber aquele telefonema de um confrade ou de uma pessoa amiga? Na comunidade religiosa sentiste o perfume na oração, ou a tensão pairou no ar? Foi tão estranha a Semana Santa e a Páscoa deste ano! As celebrações dos funerais foram tão dolorosas. A ausência de um povo a quem te entregaste provocou

alguma tristeza. Foram longos os dias sem o serviço de atenção e dedicação. Não perdeste a alegria de viver, mas parecia que te faltava alguma coisa. Muitas interrogações te acompanharam sobre o melhor modo de servir o povo que amas. Criaste muitas coisas. Não quiseste ficar na rotina do passado e começaste a acreditar que a pandemia vai trazer muitas coisas positivas. O mundo da Igreja vai ser diferente.

Foi neste contexto que experimentaste a força do Espírito Santo que sugeriu e te fez compreender coisas novas a fazer com entusiasmo redobrado, nunca perdendo a alegria da consagração. Aqui experimentaste mais profundamente Deus, que quis estar nestas coisas novas que suscitaram iniciativas novas.

Eu, agora e depois, quero acompanhar-te nas tuas inquietações.

7. Caríssimo(a) migrante

10 Chegaste a Portugal à procura de segurança e estabilidade e, de um dia para o outro, tudo foi posto em causa. Ou, pelo contrário, tinhas saído de Portugal para tentares dar aquele salto nas condições de vida. O que te preocupa mais neste momento? Tens o necessário para uma vida digna? Pensas, de coração apertado, se os teus, ao longe, estão bem? As distâncias ainda vão custar mais. Talvez a falta de trabalho te incomode e vejas o futuro um pouco triste. As videoconferências não são tudo. Há sempre um amargo na Vida. Acredita que os encontros acontecerão.

Talvez não tenhas o emprego garantido. A Vida, no meio de muitas lutas, estava a correr bem para ti e para os teus. Tudo poderá estar a ser desmoronado. Quem sabe se não terás de começar tudo de novo. Os sonhos e os projetos terão de ser reinventados. Como está a tua fé no meio de tantas interrogações? Nunca é permitido desistir. Há sempre uma porta de esperança que se abre.

Tudo pode parecer muito mal. Importa confiar e saber que dos contratempos podem emergir coisas ainda mais interessantes. Deus nunca abandona e está no meio da escuridão que parece cortar o sentido da vida.

Eu, agora e sempre, quero acompanhar-te nas tuas inquietações.

8. Caríssimo(a) doente

Que dizer daquele tratamento que foi interrompido, daquele exame ou consulta que ficou sem data marcada, daquela ida às urgências que tentaste evitar ao máximo, daquela teleconsulta que “ainda bem, mas não é a mesma coisa”? Tantas esperanças que foram convertidas em medo pelo que aí vinha. E continuavam a dizer-te que eras um “grupo de risco” e que tinhas de te fechar em casa. E pensavas que talvez não fosse tanto assim. E aquela dor que incomodava noite e dia e não queria ir embora? E aquela sensação de aperto no peito que parecia nem deixar respirar? E, porventura, aquela sensação de quase loucura? Foi também difícil experimentar uma doença acompanhada de solidão imposta. Não querias pesar na vida de ninguém, mas sozinho era impossível viveres dignamente. Alguém te fez as compras? A ti, talvez confinado numa instituição, suponho que houve dias demasiado longos e violentos. Concordarás que há alturas da vida em que os afetos, os abraços, uma flor, uma visita, valem mais do que todas as medidas de proteção. A ti, que foste infetado por este novo coronavírus, quanto isolamento suportaste, quantas histórias dramáticas te ficarão gravadas para sempre no coração. Tudo foi difícil. Não ter a presença amiga e afeetuosa custou ainda mais. Tudo se agravou e complicou. Pensaste que não havia necessidade de tanto confinamento e que precisas de sentir a proximidade de quem te ama. Foi difícil acreditar que as coisas iam mudar. Por onde andou a tua esperança? É difícil, mas estás a vencer.

Há momentos em que necessitamos de nos cuidar, apesar de os nossos pensamentos nos levarem a pensar em outras coisas. Deus quer estar contigo e com todos aqueles que te prestam os cuidados necessários. A sua ausência é só aparente. Nos cuidados Ele está.

Eu, agora e sempre, quero acompanhar-te nas tuas inquietações.

9. Caríssimo(a) profissional na área da saúde

Investigadores e cientistas, assistentes operacionais, enfermeiros, médicos, auxiliares de ação médica, técnicos de diagnóstico e terapêutica, técnicos superiores, administradores, pessoal dos serviços gerais, bombeiros.... Voltar a casa passou a ser mais perigoso do que sair de casa. Carregar por horas a fio os fatos e as máscaras foi o sofrimento menor: doeu até à alma não poder abraçar os filhos e os outros familiares. Lágrimas de sangue vos correram pela cara em alguns dias de incerteza. Tiveste, porventura, de mudar de casa para proteger os teus. E os doentes, os vossos doentes, como lhes chamais, a quem tiveste de sorrir somente com os olhos, por detrás dos óculos ou viseiras de proteção? Imagino que vos doesse não os poder cuidar também com a expressão do rosto. Não mereciam a solidão a que estavam votados, pois não? Ninguém merece ao mesmo tempo a doença e a solidão. Talvez vos tenham morrido doentes que não puderam ter uma mão amiga que os segurasse na partida. Morrer sozinhos sempre morreremos, mas alguns foram como que abandonados de afetos, sem a família por perto. Talvez a revolta tenha tomado conta das tuas emoções em alguns dias. Não é essa a alma da tua profissão, não foi para isso que estudaste e te preparaste: acreditas que as pessoas são muito mais que uma máquina a consertar. Mas foi tão difícil decidir até onde se podiam correr riscos... Descobriste, espero, o que é trabalho em equipa, o poder da cooperação, aquele “um por todos e todos por um”. Bateram-vos palmas, enviaram-vos refeições gratuitas, deram-vos alojamentos e entradas privilegiadas em alguns comércio... não era bem isso

que querias, mas foram pequenos sinais em dias dolorosos. Sim, não queres nem procuras a capa de heróis. Acredito que estiveste lá como sempre o fizeste. Preferes a justiça e o reconhecimento pelas vossas competências profissionais. Muitas vezes arriskas até a tua saúde e poucos entendem isso. Preferes responsabilidade nos comportamentos de cada um. E não há justiça quando estás a colocar em risco a tua vida e das vossas famílias e outros a fazer de conta que não se passa nada. Não há justiça enquanto o salário não corresponde ao esforço, aos riscos e às competências. Aceitai, contudo, que a sociedade em geral fez alguns pequenos gestos de afeto sincero. A sociedade, maioritariamente, confia em vós, os da linha da frente. Continuamos a contar com o vosso brio profissional, com a capacidade de investigação e inovação em saúde, com a vossa ajuda para que nos ensines a cuidar uns dos outros.

Num mundo de egoísmo e de individualismo não é fácil viver para dar a Vida de um modo permanente e gratuito. Tudo empurra para nos guardarmos e não arriscarmos. Deus mostrou, em Cristo, que a felicidade está no ir até ao fim, gastando energias e talentos. Ele está no dar e, quanto mais gratuito, mais Ele está.

Eu, agora e sempre, quero acompanhar-te nas tuas inquietações.

13

10. Caríssimo(a) pessoa em luto

Morreu-te alguém que te era importante? Angustias-te em não saber como foram as últimas horas dessa pessoa? Ficas a imaginar o que mais poderias ter feito? Revoltas-te, ainda, às vezes? Há uma tristeza que parece que não passa? Há lágrimas que não pedem autorização para aparecer? Apetece-te às vezes desistir? Parece-te, por momentos, tudo mentira e ouves ainda a voz daquele que te morreu? Querias ter feito aquela homenagem no dia do funeral? Fez-te falta aquela pequena multidão, os abraços, as flores, aquela vigília noturna, aquela cerimónia religiosa que faria um pouco de

justiça àquela pessoa que te morreu? Gostavas de ter dado aquele beijo mesmo que na cara gelada, de ver a urna aberta para lhe tocar uma última vez? Custa-te ainda entender porque recomendaram que fosse cremado?

Todo esse rodopiar de pensamentos e emoções é natural, não te culpes por isso. Muita gente não te entenderá, dirão palavras vazias porque não sabem o que dizer. Acham que assim, por não se falar do assunto, dói menos. E todos sabemos bem que não é verdade. Recordar pode fazer chorar, mas é tão importante! Ires, agora, ao cemitério e acender a vela da fé pode ser tão importante. Os cemitérios são, naturalmente, para que os vivos tenham onde homenagear os falecidos e para manifestar a comunhão dos santos que rezamos no Credo católico. Aos poucos, vai reorganizando os objetos daquele(a) que te morreu. Não te podes agarrar a todos os seus pertences. Combina com a tua família fazer uma celebração religiosa quando passar esta fase de desconfinamento. Confia a alguém essa tristeza, essas ideias que às vezes te incomodam. Aceita caminhar com alguém. Não queiras ser forte o tempo todo porque ninguém é sempre forte. Se a morte de alguém te impede continuamente de viver, de dormir, de comer, de trabalhar; se te sentes sempre irritado(a) e a perder o controlo, pede ajuda. Os outros podem não conseguir adivinhar o que sentes. Fala com o teu pároco, o teu médico ou enfermeiro de família. Peço-te ainda uma coisa: dedica particular atenção às crianças que estão à tua volta. Também elas perderam uma pessoa querida. Também elas vivem o luto à sua maneira, desde pequeninas, às vezes calando-se, outras vezes ficando constantemente irritadas, ou dormindo mal. Senta-te com elas tranquilamente, pergunta-lhes o que sentem, responde honestamente às perguntas que guardam consigo. Responde-lhes com a esperança, com a fé, não com ilusões. Se chorares, não te envergonhes.

Não é fácil encontrar uma palavra que sintetize os sentimentos. Parece-me que importa ver a Vida sabendo que ela não desaparece. Muda de lugar e a esperança e a fé garantem que o encontro voltará a acontecer. Deus quis estar em todos os momentos humanos. De um modo particular, ficou nas dores, nos sofrimentos, nas coisas inexplicáveis. Basta ver além do imediato.

Eu, agora e sempre, quero acompanhar-te nas tuas inquietações.

11. Caríssimo(a) profissional (oculto) que não pudeste ficar em casa

Com os normais condicionamentos de um tempo de crise, não faltou a disponibilidade de bens essenciais, de combustíveis, água, luz, gás. O lixo continuou a ser recolhido. As comunicações funcionaram. O correio e as encomendas continuaram a chegar. As forças de segurança mantiveram-se no seu posto. Houve manutenção de vias, máquinas e viaturas. As notícias foram difundidas por todos os meios. Os transportes movimentaram-se. Sei que por detrás de toda essa funcionalidade social, nem sempre reconhecidos, estiveram milhares de pessoas como tu. Correste riscos em nome de todos nós. Nem todos reconheceram os vossos serviços. Alguns até criticaram e não aceitaram momentos de cansaço. Vós não vos cansaste com a rotina, e a aventura continua. O trabalho em situações adversas foi interpretação como missão construtora de uma sociedade humana. Somos uma cadeia e vivemos em permanente interdependência. Muitas coisas a pandemia nos ensinou. Esta é a mais evidente. Precisamos dos outros e trabalhamos para que os outros tenham o que precisam. Os elos de sociabilidade não podem ser interrompidos. Não é fácil? Basta a certeza de trabalhar para o bem de todos.

Trabalhar sem esperar aplauso poderá não ser muito comum, mas é essencial numa sociedade alicerçada em valores. Também Deus quis estar presente no trabalho desinteressado de quem vai fazendo, completando o domínio maravilhoso da criação.

Eu, agora e sempre, quero acompanhar-te nas tuas inquietações.

12. *Caríssimos(as) homens e mulheres com maiores responsabilidades educativas, sociais e políticas.*

Sei que há funções que se tornam particularmente penosas em tempo de crise. É difícil decidir somente com os dados que temos naquele momento. Houve muitas decisões que tiveram de ser tomadas em cima do acontecimento, porventura excessivas, mas naquele momento foram consideradas as mais sensatas e com dor à mistura para todas as partes. Nem todos te entenderam, como já sabes e como é habitual. Creio que o bem de todos esteve sempre na base das decisões, nomeadamente dos mais vulneráveis. Confiamos-te o bem-estar das nossas famílias.

Àqueles que trabalham ou são voluntários em instituições socio-caritativas que servem pessoas nas suas múltiplas necessidades, obrigado por não baixardes os braços. Ainda não passou a pandemia e estais novamente a inovar no melhor serviço aos que ficaram ainda mais fragilizados. Não é fácil aguentar a saúde financeira de uma instituição e um serviço de qualidade.

Também tu, professor e outros educadores, estais a reinventar a vossa missão. Muitos de vós sentem a dificuldade em formar pessoas através de um ecrã de computador, ou com uma máscara colocada sobre o rosto. Os pais das crianças compreendem o teu serviço? Sim, um educador não transmite só conteúdos intelectuais.

O bem comum solicita muita dedicação, trabalhar para os outros enriquece-nos sempre. Despendemos energias e perdemos noites, e nem sempre vemos os resultados dos nossos trabalhos. Sabemos, porém, que só a gratuidade justifica que não cruzemos os braços. Servir deveria ser a única preocupação. A sociedade confia-nos uma missão e é preciso que seja realizada somente pela alegria da utilidade pública. A vida não se gasta inutilmente. Os resultados, que nem sempre se veem, justificam a entrega. Os outros entendem e agradecem os sacrifícios? Teremos de prestar contas à comunidade e, no íntimo da consciência, vale sempre a pena.

O grande serviço que a humanidade necessita é a educação como dinamismo que afeta a vida de todos e durante toda a vida. Deus quis ver as pessoas a extrair de dentro as suas qualidades e está presente naqueles que, de qualquer maneira, ajudam a que isso aconteça.

Eu, agora e sempre; quero acompanhar-te nas tuas inquietações.

13. Caríssimo(a) profissional da comunicação

Já todos sabem a importância da comunicação, sobretudo depois destes últimos tempos. Não só trazes a escola e a catequese para o interior das casas mas, essencialmente, a própria comunicação social se tornou uma escola de todas as aprendizagens. Tens consciência do poder e da responsabilidade que te foi dada e te é reconhecida? Obrigado pela formação, informação e diversão que difundes com rigor e criatividade. Tantos de vós transformando as vossas casas em redações e em estúdios multimédia! Continuai a honrar a vossa profissão de serviço à comunidade e evitai difundir poluição mental. Temos ainda muita coisa para narrar. Nunca fujas à verdade, mas apaixonate por descrever a beleza da vida humana e da sociedade. Assim estarás a construir algo de novo e esta certeza justificará todos os esforços. Com os teus trabalhos estás a construir ou a destruir a sociedade. Quanto bem poderá acontecer através daquilo que, oralmente ou de forma escrita, transmitiste. É pela tua profissão, mas é muito exigente. A batalha será ganha com a colaboração de todos.

O mundo moderno está marcado pela exigência de tornar tudo conhecido e em tempo real. Comunicar é, deste modo, tarefa de grande responsabilidade. Deus quis ser palavra que deve ser transmitida. Ele está neste mundo e acolhe-o com todos os seus desafios.

Gostaria de continuar a contar contigo numa comunicação lúcida e rigorosa. Sei dos esforços que vos são exigidos para a sustentabilidade económica.

Eu, agora e sempre, quero acompanhar-te nas tuas inquietações.

14. *Caríssimo(a) empresário(a), produtor*

Parecia que tudo estava a correr melhor depois daquela grande crise em que Portugal mergulhou. Mais uma vez te sentas a fazer contas à vida, a reinventar o negócio. Imagino o desgaste de, todos os dias, te sentires responsável por tantas pessoas que colaboram contigo e que esperam o salário no dia acertado para pagarem as suas despesas familiares. E se este negócio não correr como está programado? E as incertezas dos bancos nas horas de aflição? Nestes últimos tempos muitas vezes desceu ao teu coração o temor pelo futuro. Por outro lado, muitos de vós não puderam ficar em casa nem deixar parar a produção. Tivestes de sair, de correr riscos, pois era preciso abastecer um país de bens essenciais. As ajudas tardam em chegar e são sempre insuficientes. Sempre tivemos muita resiliência. Não são as dificuldades que fazem adormecer a nossa criatividade. Vai fazer falta mais energia e força de vontade. O dia a dia vai melhorar muita coisa. Será para bem de todos. Os trabalhadores com as suas famílias também merecem um esforço suplementar. Ninguém pode deter quem acredite em projetos. As dificuldades podem atemorizar, mas acabam por lançar novas aventuras. Aguçam a criatividade e atenuam os riscos.

Neste tempo, como em tantos outros, é necessário arriscar. O medo nunca pode deter ou levar ao desânimo ou desistência. Deus quis estar presente nesta atitude que acompanhou sempre a história. Nunca abandona. Fica para gerar alento.

Eu, agora e sempre, quero acompanhar-te nas tuas inquietações.

15. *Caríssimo(a) trabalhador(a) com vínculos frágeis*

A ti que trabalhas no turismo e hotelaria, que tens uma profissão liberal, trabalhador independente, recibos verdes... o que te preocupa mais, no presente e no futuro? Estás a conseguir reorganizar-te? Tens a quem pedir ajuda? Talvez não seja fácil recomeçar e com os mesmos resultados. Acredita em ti e não cruces os braços.

Há sempre oportunidades para quem procura. Pensa nos teus e acredita, inclusive, na tua capacidade de criares novas experiências. Ninguém te obriga a fazer sempre o mesmo. Desenterra os teus talentos e cria oportunidades. Recordo também tantas pessoas que, através das artes e do desporto, nos fazem experimentar pedaços de beleza e nos ajudam a manter a sanidade mental e espiritual. Muitos poderão pensar que a morte se antecipou e que já não vale a pena sonhar. Por detrás do que parece evidente, a imaginação inventa e dá alento. Cruzar os braços não conduz a nada. Tudo deverá ser feito com os outros. A tentação está no querer fazer tudo sozinho. Acredita que, de mãos dadas, tudo pode recomeçar.

O ser humano não foi feito para a monotonia de repetir acontecimentos e dinâmicas. A palavra de ânimo foi sempre criar com ousadia e talento. Deus, o criador do universo, quis ficar e estar com quem descobre coisas novas e acredita que o futuro poderá ser melhor.

Eu, agora e sempre, quero acompanhar-te nas tuas inquietações.

19

16. Caríssimo(a) catequista e agente da pastoral

Reconheçamos que não estávamos preparados para este embate. Ninguém estava, é certo. Nenhuma comunidade cristã sabia existir no distanciamento. Mas doeu particularmente este apagão da dimensão exterior da nossa fé. Faltou-te a alegria das crianças, a irreverência dos jovens, a solenidade dos mais velhos? Fez-te falta o adro e as celebrações quaresmais e pascais? Até a visita pascal tivemos de suprimir, bem como as procissões em honra da Senhora de Fátima e as festas da catequese. Quantos Matrimónios e Batismos foram adiados. Por outro lado, descobriste que somos a Igreja em nossa casa, fizeste experiência do que significa “Igreja doméstica”. Tentaste, porventura, construir lugares virtuais que minimizassem a distância obrigatória. O futuro preocupa-te? Corresponsabilidade é a palavra a recuperar para revitalizarmos a nossa comunidade.

Todos juntos, com Jesus Cristo, formamos um corpo. Ele está no meio de nós. E por Ele continuaremos a inventar modos de estarmos unidos. A presença física pode não ser aconselhável. Descubramos novos modos. Hoje, são muitos. Basta acreditar nas nossas capacidades. Não agimos por nós nem para nós. É grande o encargo que nos está confiado e sabemos que iremos interpretar uma autêntica renovação da Igreja. Muito mudará. Nós não temos medo da mudança. Ponderamos e prosseguimos o caminho de edificar comunidades unidas no amor e dedicadas no serviço dos outros.

São muitas as coisas que nos motivam. A missão é de todos e nunca se contenta com o trabalho realizado, pois tem estradas novas. Deus quis estar e ficar com tudo o que acontece na Igreja e fora dela. Importa des-cortinar esta presença que deverá desinstalar muita gente.

Eu, agora e sempre, quero acompanhar-te nas tuas inquietações.

20

17. Caríssimo(a) arquiocesano(a)

Sentis, como eu, que precisamos de estar de novo fisicamente juntos? Que fazemos falta uns aos outros e que precisamos de o dizer com clareza? Estamos todos, cada um a seu modo e até por razões diferentes, a fazer um ou vários lutos. Luto não somente pelos que nos morreram mas também por tantas perdas familiares, laborais, comunitárias a que estamos e estaremos ainda sujeitos. Há medo ainda entre nós. Talvez alguns distanciamentos sociais ainda se confundam com distanciamentos emocionais e espirituais. É tempo de renovar a confiança, de alinhar a esperança, de alimentar o desejo de estarmos juntos, de cultivarmos um olhar bondoso. Não esqueçamos que o cristianismo compromete-nos na caridade até para com os que vivem no outro lado do planeta. O confinamento obrigou-nos a diversas experiências nem sempre compreendidas. Pode também tornar-se uma graça. Concluimos que apenas permanecem coisas com valor e são estas que devemos cultivar.

Não conseguimos viver em comunhão física com muita gente. O espiritual é muito forte e une-nos, sempre, para além de todos os condicionalismos. Por outro lado, a pandemia não pode impedir-nos de continuar a nossa missão. Já inventamos muitas coisas. Estamos satisfeitos com o caminho percorrido? Não será hora de arriscar com maior consciência? Os gritos da terra não nos deverão incomodar muito mais? Teremos de acreditar numa criatividade que está sempre a aportar-nos novos desafios. A missão apaixonou-nos sempre. O modo de o fazer vai ser diferente, mas não deixemos de testemunhar que só o Evangelho nos move e que, continuemos a ter paixão e ardor para o colocar no coração do mundo. Não esqueçamos os dramas que afligem a nossa casa comum. Como aprendemos ultimamente, o problema de um é o problema de todos. Aceitamos as exigências do distanciamento e isolamento mas, não permitimos que nos tolham os nossos movimentos. O entusiasmo é, ainda, maior e já vemos uma Igreja nova a nascer.

21

A dificuldade, por vezes, detém os nossos passos. Em Igreja, teremos de caminhar e fazer deste verbo um programa que está sempre a mostrar o que falta construir. Deus foi sempre caminhante com o povo. Estava atento e apontava por onde andava e por onde andar? Hoje, aqui e agora, o seu nome é caminhar.

Eu, agora e sempre, quero acompanhar-te nas tuas inquietações.

2. FICA CONNOSCO PORQUE ANOITECE!

Permiti, agora, que vos recorde uma passagem do evangelho (Lc 24, 13-33) que pode iluminar as interrogações que trocamos anteriormente. São coordenadas para um estilo de vida que, para ser verdadeiramente novo, tem de surgir de pessoas renovadas. Nada mudará a partir de um ritmo meramente exterior. São passos seguros até à esperança, para fazermos em comunidade e de maneira individual.

Sempre a partir de Cristo, com Cristo e como Cristo. Os pensamentos que agora deixo, apontam-nos para uma maior compreensão dos acontecimentos que cada um está a viver na sua vida pessoal e profissional. As situações são diferentes. Deveríamos ser capazes de descobrir uma presença. Trata-se de uma tarefa de particular importância. Para quem acredita, a fé deve entrar nos meandros do quotidiano e as passagens do Evangelho, escritas há muitos anos, devem tornar-se orientação muito clara e definida. Nem sempre lemos a vida a partir do Evangelho. Vamos, nesta hora, aproveitar para o fazer. Foram formuladas muitas perguntas e muitas mais poderiam ser feitas. A vida é um emaranhado de situações muito complicadas. Há sempre a tentação de ousar resolver tudo sozinhos. A complexidade exige outras vozes e orientações. Alguém poderá dar luz a tantas dúvidas e interrogações.

22

a) Conta-nos São Lucas que três dias depois da morte de Jesus, a um domingo, dois dos seus discípulos deixaram o seu grupo, a sua comunidade e a cidade de Jerusalém e decidiram pôr os pés a caminho até a uma outra cidade chamada Emaús. Os doze quilómetros de distância demoravam mais ou menos três horas de viagem. Tinha estado 3 dias confinados (ou seriam 40, quem sabe quanto demora o tempo quando estamos tristes?) a tentar compreender o que havia acontecido ou até, quem sabe, escondidos para que não fossem também acusados de pertencerem aos seguidores de Jesus. iam de rosto triste, a misturar o pó da terra com o suor, conversando e discutindo sobre aqueles últimos acontecimentos. Não podiam acreditar no que acontecera: tinham sido traídos nas suas esperanças. Esperavam um líder forte e invencível e, afinal, ele tinha sido crucificado e morrido de forma vergonhosa. Tudo tinha terminado. Tantas esperanças que foram deitadas por terra de uma só vez. E, pior, tinham ficado a assistir, ao longe, à tragédia que se abateu sobre o seu amigo. Queriam ter acompanhado de perto, queriam

testemunhar a seu favor publicamente, queriam denunciar a injustiça do seu julgamento mas... tiveram medo e faltou-lhe coragem.

Esta história destes dois discípulos pode ter muitas semelhanças com o que cada um está a viver ou já viveu. As nossas conversas são muito sombrias e ocultam sentimentos de reserva ou medo do presente e do futuro. Se não acontece agora, já aconteceu, muitas vezes e muitas mais virão a acontecer.

b) Diz o texto que Jesus se aproximou deles, no caminho, com sandálias e pó nos pés. Caminhou sempre com eles mas o que estes não o podiam reconhecer. Estariam cegos pelas lágrimas, pela frustração, pela vergonha, pela culpa? Também o medo cega e paralisa. Estariam somente a olhar para o chão e nem reparavam na pessoa que ia a seu lado? Ou Deus lhes tapara os olhos para depois verem coisas novas? Três dias bastaram (ou seriam 40, quem sabe quanto demora o tempo quando estamos tristes?) para se mudar toda a relação? Acrescenta São Lucas que Jesus, enquanto caminhavam, lhes fazia perguntas como quem tem tempo e se interessa realmente pela história que contam. Jesus não se importou de escutar muitas vezes a mesma história porque sabe que isso era importante para o contador. Peregrino, ao ritmo deles, abriu-lhes ainda mais as “feridas”, obrigou-os a aprofundar as desilusões que carregavam, as recordações, como que desinfetando o que não estava dito. Impediu-os de pararem numa só recordação, na culpa, nos culpados e na espuma do diz-que-disse. Com amor, conduziu-os à verdade sobre si mesmos, recordou-lhes a fé que os moveu anteriormente e o pré-anúncio que o próprio Jesus havia feito acerca do preço da fidelidade ao amor. Jesus foi, como nós queremos ser, companheiro de viagem: aceitou o ritmo, carregou a “mochila” do outro, recusou a lamentação estéril e superficial, incentivou a um esforço suplementar, ofereceu o que tinha disponível. Quanto amor e compaixão nesta forma lenta de caminhar, conduzindo sem forçar!

Há certezas na vida que nunca poderão ser esquecidas. Aqueles dois discípulos tiveram a companhia de Jesus durante umas horas. Sabemos que Ele quis ficar para ser companheiro com aqueles que aceitam a sua presença. Outrora foi uma presença visível e dialogante. Hoje o invisível não deixa de ser eloquente. Nem sempre ousamos acreditar que, a partir da sua passagem pela terra, quis ficar para estar, lado a lado, presente, dialogante, perguntando e respondendo, abrindo novos horizontes, fazendo acreditar no que estava esquecido. No caminhar torna-se amigo que não resolve os problemas mas inculca coragem e sentido. O invisível pode tornar-se força e alento, certeza de ultrapassar o difícil ou humanamente inconcebível. Ele caminha e está. Grande certeza e descobrir!

c) Quase a chegar ao fim dos doze quilómetros, diz-nos São Lucas que são agora os dois discípulos a fazer a Jesus um pedido, uma oração: “fica connosco porque anoitece!”. Estariam a falar da falta de sol ou da noite que acontecia há muito tempo nos seus corações divididos e tristes? Aquele companheiro de viagem, aquele visitante inesperado, tinha-lhes aberto a vida ao meio; não podiam deixá-lo simplesmente ir embora. As suas palavras traziam fogo. Jesus sabia decifrar o que lhes ia no coração. “Fica connosco” não foi, por isso, meramente um convite mas um pedido insistente, um grito. Jesus dá-lhes, por isso, a liberdade verdadeira de pedirem a sua presença, aceitando morar com eles, presidindo à mesa do pão e da amizade. E acontece a maravilha maior: reunidos à mesa, ritualmente, sacramentalmente, depois da bênção e da partilha do pão, os discípulos reconhecem Jesus. Palavra partilhada, vida partilhada e perdoada, pão partido e comungado. Aí se abrem os olhos. É Ele! Não ouviram dizer que ele estava vivo mas sabem-no por experiência própria. Cristo vive! Não é, apenas, um companheiro de viagem que dá conselhos e faz compreender muitas coisas. Alguns consideram-no morto e as suas palavras como algo a recordar ou aprender. É muito

mais do que isso. Ele vive e quer construir amizades pessoais. Não pertence à história. Oferece-se em comunhão e quer unir-se profundamente num amor personalizado e muito consistente. As vidas encontram-se e uma simbiose de sentimentos torna a fé a grande certeza que tranquiliza no meio da dor e do sofrimento. Com Ele a vida é nova.

Eles estão vivos, perdoados, remendados, inflamados. Há futuro. Esta é a grande certeza. Para aquele tempo e para hoje. Há alguém que vai dando sentido a todas as dúvidas.

d) A alegria do evangelho: levantaram-se os dois discípulos, fizeram mais doze quilómetros, já sem noite e medo no peito, e foram ter com os 11 apóstolos e companheiros. O ressuscitado ressuscitou-os. A alegria precisava de ser comunicada, é missionária por natureza. A sua esperança não foi desiludida. O fogo ardia agora desde dentro. Experimentavam a alegria mas não a podiam reservar para si.

Os medos e os receios foram ultrapassados. Importa comunicar para que a festa se torne comunitária, pois é na comunidade que a vida acontece. Aí se retempera das dúvidas e se experimenta o sentido da felicidade de pessoas que nascem para serem felizes em comum. O isolamento nada resolve. Só unidos, uns com os outros, teremos a verdadeira felicidade.

25

3. PÔS-SE À MESA COM ELES!

Das interrogações que trocamos entre nós pelo caminho e do modo de Jesus fazer caminho com os discípulos (e connosco) podemos tirar algumas anotações gerais a concretizar em cada contexto. Fixemo-nos mais no caminho e no modo de caminharmos juntos do que na meta ou no sucesso. Uma coisa é certa: colocar-se à mesa dos diversos contextos de confusão e aí aceitar que Ele tenha lugar. Que fale e diga a sua palavra como definitiva.

Foram descritas algumas situações embaraçosas. Foram motivadas pela Covid-19 ou esta deu-lhes uma dimensão mais abrangente. Ao longo da minha partilha, este colocar de Jesus à mesa para que aponte caminhos de confiança foi interpretado dizendo que Jesus está nessa situação e quer ajudar a ultrapassá-la. É com Ele que teremos de interpretar a missão dos crentes como membros de uma Igreja. Deus nunca quis agir contra o homem ou sem ele. Agiu sempre com as pessoas concretas, daí que o nosso caminho tenha de ser idêntico. A cada um competirá sempre a sua responsabilidade muito pessoal e muito concreta. A Igreja nunca poderá deixar de mostrar o seu amor por todas as pessoas. A sua função é esta: ser sinal de um amor comprometido com todas as situações humanas. Se Cristo quer caminhar com todos, a Igreja terá de ser, também ela, presença concreta junto de todas as situações que entristecem e fazem sofrer. O seu caminho consiste em sair para se encontrar com as chamas e dons e carregar tudo o que custa para aliviar e dar alento. Não podemos esperar milagres físicos, mas acreditamos que o amor transforma e muda muitas situações que parecem desprovidas de todo o sentido. A Igreja vive para ser presença de Cristo junto de quem sofre.

26

Fá-lo-á pela comunidade paroquial que tem muitos intérpretes. É Jesus, onnipotente, que precisa da ajuda para que o Seu amor se torne visível. Daí que, conscientemente, deixe algumas interpelações para que as comunidades escutem as interrogações da terra e lhe apontem as respostas do céu.

a) *Comunidades Paroquiais*: não deixeis que alguém fique para trás ou na margem. Há pessoas a necessitar de ajuda: pelos que morreram, pelos laços afetivos que foram adiados ou terminaram, pelo trabalho, estatuto económico ou saúde que perderam, pelo desemprego que estão a experimentar, pelos rendimentos a diminuírem, com carências de variadíssima ordem, pela fé que enfraqueceu...

teremos de sair e provocar encontros. Ninguém pode ficar excluído. De todos há que estar perto, escutar, valorizar a presença, criar proximidade, ser discreto, trabalhar em rede. E, sobretudo, rezar juntos.

b) *Equipas Sócio-caritativas, Centros Sociais Paroquiais, Confrarias.* Poderemos não estar a prestar atenção a todos. A vergonha pode ocultar muitas situações de necessidade. Existem muitas situações escondidas que gritam pela nossa presença. Não façamos aceção de pessoas. Estas valem por si e não pelo que têm. As carências materiais e espirituais reclamam presenças e respostas. Somos para todos, mas teremos de ter uma opção preferencial pelos mais pobres. E a pobreza tem muitos rostos e contextos. As desigualdades subsistem e a dignidade ainda não é estatuto de todos. Há muita humanidade ferida a quem, com generosidade e articulação de serviços, poderemos e deveremos socorrer.

27

c) *Equipas de Acolhimento e Liturgia.* As pessoas ao entrar na Igreja deverão sentir a força da comunidade. Não acreditamos no anonimato. A cada um teremos de dedicar muita atenção de modo a que todos se sintam verdadeiramente acolhidos na casa de Deus. Aí queremos ser solícitos e manifestar verdadeiro acolhimento. Mas, a partir do vosso serviço, deveremos crescer em gestos quotidianos que comprometam as comunidades e seus membros a oferecerem ternura e atenção às pessoas que nos procuram ou que nós queremos encontrar, saindo ao seu encontro. A Igreja deve mesmo tornar-se família de irmãos que cresce com gestos de um amor visível e verdadeiramente humano.

d) *Conselhos Pastorais Paroquiais e Conselhos económicos.* Tudo deve ser pensado e dialogado. Os problemas têm causas que importa descobrir para que a resposta pastoral seja mais adequada.

Há uma corresponsabilidade efetiva que teremos de promover. Dependerá do sacerdote, mas também do empenho de todos. Não queremos clericalismos. Só nos contentamos com a dignidade baptismal comum e igual para todos. Sabemos da complexidade de muitos problemas e situações. Não encontraremos solução para todos. Na unidade e comunhão discerniremos, de um modo verdadeiramente sinodal, os caminhos que importa percorrer. Não nos contentamos com as rotinas de quem repete sempre o mesmo. A criatividade mostra a vitalidade da comunidade. E nós somos capazes de encontrar os caminhos mais adequados.

e) *Grupos de oração e de formação.* Nem sempre precisamos de fazer muita coisa. Há gestos pequenos que poderiam dar muita Vida. A oração e a formação são um binário imprescindível para atingir a meta da renovação. Com elas intuiremos o itinerário e onde deveremos chegar. São condicionantes de toda a vida pessoal e comunitária. Ninguém substituirá a vontade pessoal e, sem o querer de cada um, nada avançará. Há muito para realizar. Antes de tudo, há atitudes que condicionam tudo quanto poderá ser feito. Sem oração e formação não avançaremos. E a oração é pessoal mas, de um modo inequívoco, necessitamos de rezar juntos. A grande tentação consiste em querer resolver as questões confiando nas nossas forças. Importa a disponibilidade de tudo o que se tem para ousar estruturar respostas. Só na oração encontraremos a verdadeira compreensão daquilo que nos é solicitado.

f) *Famílias, igrejas domésticas.* A paróquia deverá ser sempre uma família de famílias. Os lares são santuários do amor para com as pessoas que os constituem e não é possível ser feliz e viver a fé sem uma verdadeira experiência familiar. As famílias podem ser objeto das atenções das comunidades, mas sobretudo são sujeito do que podem e devem fazer. Falamos das Igrejas domésticas.

Importa investir com verdadeira prioridade. Não podemos permitir que nenhum fique para trás ou na margem. Queremos estar perto de todas. Valorizar todas as suas potencialidades. Escutar todos os seus dramas. Mostrar que poderemos iniciar um período novo na pastoral arquidiocesana. Mas, nesta hora particular, é, também necessário que as famílias assumam o dever de serem o que verdadeiramente devem ser. Como Arquidiocese, poderemos investir muito mais. É de esperar que surjam experiências muito concretas, orientadas pelo Departamento da Pastoral Familiar, que permitam uma verdadeira experiência de Igreja dentro das paredes que acolhem os lares cristãos. Há uma novidade grande a explorar. Depende da boa vontade de quem se unir em matrimónio para viver uma verdadeira experiência de amor humano e divino. Como consequência, estas igrejas domésticas irão olhar para as outras famílias para caminharem com elas, interpretando uma aventura de entreaajuda capaz de ultrapassar muitos problemas e dificuldades.

Quis escrever esta Carta Pastoral extraíndo lições da pandemia que a todos afetou. Sem conhecer muito, soubemos de um minúsculo vírus, invisível para quase todos. Só a ciência conseguiu intuir alguma coisa da sua verdadeira identidade. Sentimos as suas consequências em todas as latitudes do planeta. Não há região da terra que tenha fugido à sua tirania, como detentor de uma força que vitimou, e ameaça vitimar muito mais, a humanidade inteira. É invisível, mas permeou todas as coordenadas da vida humana. Gerou doença e suscitou muita perplexidade e temor. A sua influência chegou a todas as partes.

Com ele, paramos e tivemos oportunidade, ou devemos ter, de o encontrar como uma oportunidade para mudar muita coisa. Fomos dizendo que nada pode ficar na mesma e que, sobretudo, teremos de tomar consciência de que somos interdependentes, pois navegamos no mesmo barco. As vidas são diferentes, mas inter cruzam-se. Parece que não poderemos deixar de ver a vida como uma

aventura solidária. O egoísmo e a indiferença relacional não têm futuro. Vamos percorrendo o mesmo caminho e, nele, sentimos a agrura do viver humano. O negativo invade-nos, não a alguns, mas a todos. Se os problemas afetam diferentemente as pessoas, sabemos que atingiremos um ponto seguro caminhando de mãos dadas. Mas, simultaneamente, reconhecemos a incapacidade humana e teremos de olhar para outros horizontes. Entra aqui o companheiro dos discípulos de Emaús que nos revela o sentido de muita coisa, explicando-nos palavras que ainda não conhecemos suficientemente. Precisamos de reconhecer a importância da transcendência e caminhar na tua terra, sempre em unidade muito estreita, mas com o horizonte do céu.

A Igreja na Arquidiocese, deve, por isso, ser espaço de comunhão que acolhe as dificuldades para que, com Jesus, que quer “ficar” conosco, percorramos o caminho da proximidade e solidariedade. Sabemos que a vida tem muitas mais expressões do que aquelas que fomos elencando ao longo desta carta. As respostas a ir oferecendo têm de ter o contributo de todos. Estar perto, escutar, valorizar todas as formas de presença e de comunhão. Daí a importância de conversarmos e partilharmos as preocupações para apontarmos novas ideias que deem ânimo e coragem. Penso que este tempo de pandemia nos deverá aproximar muito mais para sermos igreja de afetos e ternura. A palavra diz muito quando está alicerçada no espírito. Vamos juntos levantar-nos. Da situação de pandemia que estamos a ultrapassar e da situação de letargia a que, infelizmente, nos habituamos. Adormecidos não faremos nada. Reagindo, a esperança começará a acontecer. Olhando o céu, compreenderemos a terra.

4. LEVANTAR-SE E SEMEAR ESPERANÇA

É tempo de reunir as energias do corpo, de nos libertarmos do medo que paralisa. Em Cristo somos mais fortes. Sem vergonha, choramos os que morreram e lamentamos os que cederam à pressão do desânimo. Como cristãos não temos medo de sujar as mãos, de contaminar o coração com o sofrimento dos outros. Sabemos que Jesus Cristo caminha connosco e, com Ele, não faltará a alegria que nasce de dentro. Precisamos de estar, individual e comunitariamente, muito atentos. Discretamente, não fiquemos à espera que nos peçam ajuda. Coloquemo-nos a caminho. É tempo de escutarmos a terra, lugar da encarnação do Filho de Deus, para compreendermos o céu, meta para onde nos dirigimos. É hora de olhar o céu para compreender a terra.

Não podemos deter-nos no caminho da Vida. O futuro está a exigir muita confiança e serenidade. O medo não pode estacionar-nos. Continuemos a viver e demos espaço à esperança. Não aceitamos a derrota mas prosseguimos a caminhada e queremos aprender com este tempo. Será longo ou curto? Com atenção poderemos avançar, melhorando a vida pessoal e a das comunidades. Há coisas importantes que a pressa da vida não nos permitiu viver. Com mais tempo, “ouçamos” as vozes da consciência e os gritos dos irmãos e da terra.

Que não seja um ouvir de surdos. Que tudo encontre eco nos nossos corações e que arrisquemos, conscientemente, a aventura de interpretarmos uma vida como uma caminhada comum, deixando-nos conduzir e guiar pelo companheiro inesperado e invisível. Queremos que fique e jante connosco, para podermos saborear a festa da vida. E partiremos, correndo, para ir ao encontro dos outros, daqueles que amedrontados ainda se encontram fechados numa vida sem sentido. É a alegria de ser missionário de uma Boa Nova, que o é para quem anuncia mas sobretudo para quem a

recebe. Saberemos, sempre, que a nossa força é Cristo vivo e presente, na nossa história. Com Ele sonhamos alto e ousamos acreditar que uma nova aurora poderá acontecer. Eu acredito e sei que, juntos teremos muito para realizar.

Que Maria, que sentiu quanto vale a presença de Cristo, seja a Mãe da esperança que a todos acompanhe.

+ Jorge Litiga, A. Pinna

Índice

1. As palavras que trocamos pelo caminho!.....	05
<i>Pais</i>	05
<i>Família</i>	06
<i>Criança</i>	07
<i>Adolescente e jovem</i>	07
<i>Ancião(ã)</i>	08
<i>Consagrado(a)</i>	09
<i>Migrante</i>	10
<i>Doente</i>	11
<i>Profissional na área da saúde</i>	12
<i>Pessoa em luto</i>	13
<i>Profissional (oculto)</i>	15
<i>Responsáveis educativos, sociais e políticos</i>	16
<i>Profissional da comunicação</i>	17
<i>Empresário(a), produtor</i>	18
<i>Trabalhador(a) com vínculos frágeis</i>	18
<i>Catequista e agente da pastoral</i>	19
<i>Arquidiocesano(a)</i>	20
2. Fica connosco porque anoitece!	21
3. Pôs-se à mesa com eles!	25
4. Levantar-se e semear esperança	31



www.arquidiocese-braga.pt